

Os Valores Humanos na Educação Musical Escolar: um relato de experiência com alunos(as) de Inclusão

Comunicação

Caroline Cao Ponso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
cacapo@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo apresentar um trabalho de inclusão de alunos(as) com deficiência intelectual nas aulas de música do currículo regular, de uma escola da rede pública municipal de ensino da cidade de Porto Alegre. A escola em questão possui cerca de 1.300 alunos(as) regulares, sendo que destes, 80 alunos(as) são de inclusão, com diferentes diagnósticos, como Autismo, Síndrome de Down, deficiência cognitiva, Asperger, X-frágil, dentre outros. O relato busca apresentar e problematizar questões sobre o trabalho com valores humanos na escola e a inclusão destes estudantes nas séries finais do ensino fundamental no contexto das aulas de música, no intuito de contribuir para as discussões sobre música e inclusão na escola.

Palavras chave: educação musical escolar; educação inclusiva; educação em valores.

Valores Humanos e Educação Musical Escolar

Apontamentos sobre a necessidade de se trabalhar com valores humanos no contexto escolar são recorrentes em documentos e diretrizes que orientam a educação contemporânea. A abordagem sistemática de conceitos como protagonismo, respeito, tolerância, ética, cidadania e justiça, nesses documentos, suscita a reflexão sobre as ações pedagógicas cotidianas nas escolas.

Nas aulas de música, muitas situações envolvem questões éticas, discussões sobre conceitos e preconceitos, elaborações sobre as funções da arte, o lugar e o espaço das manifestações musicais, preferências, gostos, categorizações e classificações. Uma didática voltada à compreensão da liberdade com responsabilidade, autonomia, protagonismo e autoria pressupõe que o(a) professor(a) tenha potencial e formação capazes de mobilizar conhecimentos para além dos conteúdos de sua área de conhecimento.

Em contrapartida, podemos pensar que não somente os docentes devem estar a par dos valores humanos na escola, mas primordialmente há que se responsabilizar os(as) educandos(as) pelo próprio processo de aprendizagem. Este seria o primeiro passo em direção a uma educação plural e ética, em que os valores humanos importam não somente ao coletivo, mas ao crescimento de cada um(uma). Ferretti, Zibas e Tartuce (2003) reúnem pressupostos comuns a vários autores sobre o *protagonismo*, e o indicam como uma forma de assumir responsabilidades em atos individuais e ações sociais mais amplas, de comprometer-se com os excluídos ou em processo de exclusão, de participar ativamente na resolução de problemas sociais.

Tudo o que se refere aos estudantes como ativos na construção e determinação de suas vidas sociais são pontos essenciais para se realizar pesquisa com eles, seja na preservação das dimensões culturais e da complexidade do mundo em que vivem, assim como, e principalmente, na preocupação com a singularidade de cada sujeito. É função da escola preservar as diferenças ao mesmo tempo em que busca integrar os indivíduos em um espaço plural.

A Inclusão nas aulas de música

A rede municipal de Porto Alegre possui, desde 1994, Salas de Integração e Recursos (SIR) nas escolas de ensino fundamental. A rede, inspirada na Declaração de Salamanca (1994), tem como princípio que a escola deva acolher e atender às necessidades diversas do seu alunado, assegurando qualidade de educação a todos, por currículos diferenciados, por estratégias diversas de ensino, pelo uso de recursos e por parcerias com a comunidade.

Na escola pública em questão, existe um grande número de alunos de inclusão com diferentes diagnósticos de deficiência intelectual, como Autismo, Síndrome de Down, Asperger, X-frágil, dentre outros. A professora responsável pela Sala de Integração e Recursos comenta o trabalho realizado com a inclusão na escola.

A construção de um trabalho de inclusão com identidade própria se deu ao longo de 18 anos de escola, dos quais 14 eu participei e, ao fazer esta parada para escrever, me deparo a refletir sobre essa identidade, o amadurecimento

do trabalho e das concepções de inclusão, de currículo, de deficiência e, por que não dizer desta escola, que já nasceu ciclada e com uma Sala de Integração e Recursos (SIR) projetada e instrumentalizada para dar conta dos alunos de inclusão que ali estudariam. Inicialmente, as crianças atendidas na SIR tinham características de dificuldade de aprendizagem, multirrepetência e algumas poucas com Síndrome de Down, e o trabalho se dava, quase que somente, no atendimento individualizado no contraturno da aula. Com o passar dos anos e a maior difusão do trabalho de inclusão, o público alvo da SIR ampliou para alunos com diferentes diagnósticos, síndromes, deficiência intelectual e autismo, o que levou a ampliar também as modalidades de atendimento. Atualmente se percebe a necessidade de uma proposta diferenciada, para além do atendimento individualizado na SIR, o acompanhamento em sala de aula e diferentes tempos e espaços são propostos para esses alunos. (SANTETTI, Letícia. In: ARAÚJO; PONSO, 2014, p. 69).

A sala da SIR da escola de onde decorre este relato é vizinha à sala de música. Por esta proximidade, muitas interações e parcerias ocorrem ao longo do ano. Os estudantes que frequentam a SIR, também frequentam a sala de música conforme seu interesse, ou nas aulas regulares, ou nos complementos de técnica vocal e teclado. Podem manusear os instrumentos musicais na presença dos(as) professores(as) e assistir às aulas de outras turmas que não as suas em horários combinados previamente, ou não. Há trânsito livre na sala de música, esse tempo aberto e dinâmico acolhe os(as) alunos(as) e os convida à exploração e participação, considerando suas necessidades de tempo e espaço.

Na perspectiva da educação democrática e inclusiva da pedagogia freireana, vemos a conexão do trabalho inclusivo na escola relacionado ao trabalho pedagógico com valores humanos.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 136)

Por que tratar de valores no plano pedagógico das aulas de música? Há formação em valores nos currículos de formação docente em música? De que maneira os valores estão relacionados à inclusão de estudantes com deficiência intelectual? A escola está permeada de

possibilidades de interação que se apoiam em valores humanos. Isso ocorre a todo o momento, e pode ser inerente à ação do docente, uma vez que não depende de conteúdos formais, ou de áreas de conhecimento específicas, mas do convívio com temáticas relacionadas às questões emergentes da vida em sociedade.

Nessa direção, no caso da formação de professores de música, DEL BEN (2003) enfatiza a “necessidade de pensarmos a formação inicial como um percurso a ser construído pelos próprios licenciandos” nos quais importam os “saberes da experiência”, assim como reconhecer a prática como local de produção e crítica de saberes. Ainda sobre a formação de professores, BELLOCHIO (2016) comenta a natureza da educação musical como ampla e complexa, no que denomina “processos de educações musicais”, no plural, uma vez que a formação de professores de música passa por problematizações ao longo da prática docente, num processo ininterrupto e constante de relações articuladas ao contexto escolar. Nesse sentido, professores ativos, questionadores e reflexivos sobre as diversas práticas escolares e diversos espectros humanos, podem vir a considerar os valores humanos individuais e coletivos, tanto em seus relacionamentos interpessoais quanto nos processos de ensino/aprendizagem.

Ao pensar a educação musical sob a ótica dos valores humanos modificamos o modo de pensar a música na escola, principalmente no que concerne às relações político-pedagógicas com a comunidade escolar. A ética, o protagonismo, a responsabilidade, a convivência, a tolerância, o respeito, a cidadania, os direitos e os deveres são construídos nas relações de pertencimento que estudantes e professores(as) exercem ao longo da vida escolar ao construírem espaços e práticas significativas de trabalho.

A seguir, relatamos três casos de alunos(as) com deficiência que frequentam a sala de música em diferentes momentos ao longo da semana. Téó, Joana e Luciano¹ têm 16 anos e frequentam as séries finais do ensino fundamental, especificamente no segundo ano do terceiro ciclo², com algumas adaptações curriculares.

¹ Nomes fictícios escolhidos pela autora.

² O segundo ano do terceiro ciclo corresponde ao oitavo ano do fundamental de nove anos.

Inclusão: três histórias de pertencimento

Téo está na escola desde o primeiro ano, tem a síndrome do X-frágil, o que acarreta dificuldade de fala, dificuldade motora e deficiência intelectual. Nas aulas de música Téo canta diversas canções do repertório sertanejo e pop. Acompanha com muita precisão rítmica todos os gêneros musicais trabalhados, sempre percutindo instrumentos com baqueta. Interage com os colegas e é muito integrado na turma. Dança, joga capoeira e sabe identificar os instrumentos musicais.

Ao compor o grupo de alunos como um participante incluído, Téo demonstra alegria em tocar no coletivo. Frequentemente os colegas diminuem a pulsação para que Téo os acompanhe, ou percebem alguma dificuldade dele em segurar a baqueta ou carregar o instrumento, no que logo se prontificam em ajudar. Nesse processo de perceber as limitações de Téo, os colegas percebem-se também com dificuldades e limitações de aprendizagem. Colocar-se no lugar do outro, estar sensível ao outro no momento da aprendizagem e auto-regular-se a fim de constituir um grupo, parece ser um ponto chave no trabalho com inclusão.

A autoestima, a solidariedade, a aceitação das limitações por parte do coletivo, a noção de que todos têm limites, a sensibilidade despertada a partir da dificuldade do outro são valores humanos trabalhados a partir da inclusão. A inclusão está na dinâmica da sala de aula como princípio pedagógico, e é retroalimentada e ampliada no coletivo quando colocada em prática pelos estudantes e professores.

FIGURA 1 – Téo



Fonte: Acervo Pessoal

Luciano está na escola desde o primeiro ano e sempre participou das aulas de música com muito interesse. Tem deficiência intelectual decorrente de paralisia cerebral por ser prematuro extremo. Gosta muito de ouvir ópera no computador, motivado por um desenho animado. Luciano incomoda-se com sons muito altos, mas consegue ficar na sala de música se estiver envolvido no trabalho. Interage pouco com o grande grupo. A música por vezes o atrapalha e por vezes o emociona. Perceber quando a música o atrapalha ou emociona é tarefa de todo o grupo. Muitas vezes alguns(mas) alunos(as) chamam a atenção dizendo que Luciano está incomodado com o som alto demonstrando estar atentos à necessidade do colega.

A solidariedade e sensibilidade sobre as limitações de Luciano modificam a aula na escolha das atividades e há a compreensão desse processo por ele e pelo grupo. A inclusão, ou a tentativa dela, tem reflexos constantes na prática pedagógica. Reconstruímos-nos como educadores e como colegas o tempo todo. Existe a paciência, a compreensão, a solidariedade no auxílio ao colega e conseqüentemente ao grupo como um todo. Percebemos que toda a escola se torna mais sensível, mais carregada de valores humanos em todos os seus espaços, mais aberta à diversidade nesse processo.

FIGURA 2 – Luciano com 8 anos



Fonte: foto de acervo particular

Joana tem autismo e está na escola há quatro anos. Comunica-se com facilidade, sabe muitas canções de cor, de diversos estilos e gêneros. Joana faz complemento de técnica vocal e realiza os exercícios de voz e respiração, também gosta muito de dançar. Na escola há um

projeto de saraus musicais, no qual os alunos participam cantando e tocando um determinado repertório escolhido e estudado previamente.

Desde que Joana participa das aulas de música, apresentou-se em todos os saraus, cantando em grupo. Nesses momentos de apresentação, o grupo se adapta a ela, às suas necessidades e compreendem que cantar com Joana é diferente, é estar na música ao mesmo tempo em que se está no tempo e na dinâmica de Joana, nem sempre no tom e na pulsação esperada.

A comunidade escolar se torna mais humana quando é tocada pela sensibilidade do processo de inclusão feita pelos(as) alunos(as) e professores(as). Sim, eles transpiram solidariedade nas apresentações, nos ensaios, nas aulas quando um autista entra derrubando tudo, ou canta “atravessado” ou toca no tempo inadequado. Este é o trabalho com valores humanos. Aceitar a diferença, adaptar-se a ela, construir uma nova maneira de aprender música. Esse processo tem sido surpreendente no desenvolvimento cognitivo e social de todos, criando uma rede de empatia e respeito nas vivências escolares.

FIGURA 3 – Joana



Fonte: foto de acervo particular

Os fatos recorrentes nesses três sujeitos diz respeito ao modo como são incluídos na dinâmica das aulas de música. Não há diferenciação entre esses alunos e os demais nos momentos de construção coletiva, divisão de instrumentos, escolha de repertório e demais dinâmicas da aula. Cada aluno(a), participa conforme seu interesse e desejo a partir do que é proposto pela professora ou combinado com a turma.

Conversas e assembleias de turma são frequentes na escola, e nesses momentos o tema da inclusão se faz presente na resolução de problemas e demandas que surgem no decorrer do ano letivo. Respeito ao tempo e ao modo de aprendizagem de cada um é debatido entre os próprios estudantes, professores de SIR, supervisão, orientação e professores da turma. A cada ano percebemos como a cultura escolar se adapta mais à necessidade dos alunos de inclusão. É um processo lento e gradual, que pode se perder rapidamente se todos os setores da escola não estiverem trabalhando juntos.

Considerações temporárias

Se a educação geral enfrenta enormes desafios relativos a questões que tratem da igualdade de direitos, por meio das práticas pedagógicas, o que dizer das propostas que buscam a integração social e aceitação cultural dos alunos com deficiências através de um humanismo politicamente correto? (SHAMBECK, 2016, p. 28)

A construção de relações de pertencimento na escola será também de competência do(a) professor(a) de música? Acredito que identificar, ocupar e construir espaços na escola para o desenvolvimento e o reconhecimento das atividades musicais pode ser uma ação protagonizada por professores(as) e estudantes de música no exercício da docência/discência.

Ao pensarmos sobre diversidade humana, responsabilidade social e currículos, buscamos possibilitar espaços de experimentações e desafios a fim de não restringir as subjetividades humanas a uma formatação única de escola.

Ao serem incentivados para se auxiliarem mutuamente como condição de sucesso nas aprendizagens, sem fomentar comparações de qualquer natureza, os(as) alunos(as) praticam a solidariedade, essencial no trabalho pedagógico, fazem trocas efetivas com seus pares, sensibilizam-se para as diferenças, as particularidades e as características exclusivas e inerentes a todo ser humano.

Referências

ARAÚJO, Maíra Lopes de; PONSÓ, Caroline Cao. *Capoeira: A Circularidade do Saber na Escola*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. *Formação de professores de música: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações*. Revista da ABEM, v. 24, n. 36, 2016.
- CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das Necessidades Educativas Especiais*. Espanha, 1994. Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf) Acesso em: 03 jul.2017.
- DEL BEN, Luciana. *Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: ideias para pensarmos a formação de professores de música*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 8, p. 29-32, mar. 2003.
- FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M.L.; TARTUCE, G. L. B. P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. *Cadernos de pesquisa*, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MEDEIROS, Isabel Letícia. (org.) *Inclusão Escolar: Práticas e Teorias*. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.
- SCHAMBECK, Regina Finck. *Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música*. Revista da ABEM, v. 24, n. 36, 2016.